

# **QUADRILÁTERO: AS IMPRESSÕES OLFATIVAS COMO DESENCADEADORAS DE DESEJO: UMA LEITURA DO ROMANCE QUADRILÁTERO - LIVRO UM: MATHEUS, DE ADOLFO BOOS JÚNIOR**

*Eliane Santana Dias DEBUS<sup>1</sup>*

## **1. Do escritor e do romance**

O homem é um animal efabulador por natureza.

(ECO: 1985, p.15)

Um contador de histórias, assim se autodenomina o escritor catarinense Adolfo Boos Júnior (Florianópolis, 1931). Membro participativo da segunda geração do movimento de renovação das artes em Santa Catarina, nas décadas de 1940 e 1950: o Grupo Sul; traz a público seus primeiros trabalhos devido a arrojada iniciativa do grupo que, mesmo vivendo num espaço e tempo em que inexistem as casas editoriais, publica os textos de seus integrantes (SABINO: 1981, p.133); assim é através das “Edições Sul” que Adolfo Boos Junior vê chegar ao público seu contos, primeiro com a antologia Contistas Novos de Santa Catarina (1954) e dois anos depois com o livro de contos Teodora & Cia (1956).

Dissolvido o Grupo Sul (1958), Boos, como outros integrantes do movimento (Salim Miguel, Silveira de Souza, Guido Vilmar Sassi e outros), segue seu fazer literário, tendo seus escritos publicados em várias antologias: Antologia do Novo Conto Brasileiro (1964), Panorama do Conto Catarinense (1971), Assim escrevem os catarinenses (1976) e 21 dedos de Prosa (1980). A década de 1980, sem sombra de dúvidas, é a mais fértil em termos de publicações na carreira do autor; curiosamente todas vinculadas a premiações de concursos literários<sup>2</sup>; em 1980, o livro

---

1. Doutora em Letras (Teoria Literária-PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL.

2. O autor, apesar de se ressentir por tirar oportunidades de jovens que estão iniciando, vê nos concursos literários a oportunidade de levar o seu trabalho ao público. Depoimento do escritor em 5/12/94 durante o curso “A História no Romance de Santa Catarina”, ministrada pelo professor Dr. Lauro Junkes no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.

As Famílias, vencedor do Concurso Virgílio Várzea, promovido pela Fundação Catarinense de Letras; em 1986, o autor recebe o 2º lugar no Concurso Nacional 3ª Bienal Nestlé na categoria conto com o livro A Companheira Noturna. Concorrente na categoria romance do mesmo No primeiro bloco – “Os Ventos” – o autor apresenta personagens não nomeados em várias cenas diversas em tempo e espaço, separando cada discurso por parágrafos que se alternam – O Velho (Matheus), a colônia, o prostíbulo, o botequim, o pesadelo, Ela (Paula) – ao quadrante dos ventos: terral, noroeste, nordeste e sul. As peças do quebra-cabeça são apresentadas ao leitor provocando certo estranhamento, já que a sequência narrativa não obedece a uma ordem linear e as peças serão montadas pela presença remissiva das cenas anteriores presentes nos blocos seguintes.

No segundo bloco – “As Águas” – a estrutura narrativa se alterna em três mini-blocos que para melhor compreensão denominaremos: 1) “A Viagem”, 2) “O Relatório” e 3) “A Colônia”. Em “A Viagem” é apresentado ao leitor o difícil trajeto de balsa para o interior de Itajaí pelos imigrantes alemães: Helmuth e Gertrud, Edgard e Irma e Ele (Matheus – assim nomeado por não fazer parte do grupo). O mini-bloco “O Relatório” traz fragmentos de um único relatório, datado de 1898, que devido a sua representação fragmentária toma a forma de múltiplos relatórios; registrado em letras garrafais e obedecendo a grafia da época, contém reclamações e pedidos dos imigrantes estabelecidos na colônia. Na colônia aparecem as dificuldades dos imigrantes de adaptação e estabelecimento nas novas terras. Estes mini-blocos são alternados e surgem em forma de flashback, para tal, o autor se utiliza do que Antônio Hohlfeldt chama de “palavra-ponte” (HOHLFELDT: 1994, p.226):

– e ele escuta, entende, mas não responde, preso à mulher, no lado de fora, recolhendo a roupa lavada dos homens ligeiramente em-

briagados e cheios de fadiga, recuperam-se e resolvem aportar ali mesmo e os homens fazem fogo, esquentam as sobras de feijão e da carne seca, Gertrud deixa as crianças de lado e passa a cuidar de Irma e Edgard (BOOS JÚNIOR: 1986, p.126).

O exemplo da palavra-ponte “Cheios de fadiga” destaca outro recurso utilizado por Boos na construção do texto, o tamanho gráfico das letras para mini-blocos distintos.

No bloco “A Terra”, o recurso da palavra-ponte e o tamanho das letras permanecem para a construção em alternância, modificam-se os espaços dos mini-blocos que denominaremos “A Colônia” e “Terra Gorda”. Em “A Colônia”, os imigrantes Matheus e Natália tentam domar a terra. Em “Terra Gorda”, a opulência do casal Paula e Rudolf contracenando com a miséria de Johannes (Matheus) e Catarina (Natália).

Em “O Fogo”, “o jogo prossegue, cada fase constituindo uma nova pista, uma entrada para o labirinto” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.200). Usando-se da metalinguagem, Boos introduz o leitor no processo da escritura. A palavra-ponte desaparece e as reminiscências diferem pela forma gráfica. Os mini-blocos são provenientes das reminiscências de Matheus ao desvendar o segredo para Paula: “A Colônia”, “A Chacina”, “A fuga”; entrecruzados com os enunciados ora emitido por Matheus ora por Paula por meio do fluxo da consciência.

Na quinta e última parte – “Os Ventos” – Paula, 27 anos depois, confessa à filha Edla a sua filiação, alternado com o discurso das reminiscências, presente e a morte futura de Matheus.

A temática da colonização germânica no Vale do Itajaí desenvolvida pelo autor não é inédita, pois já foi trabalhada por outros escritores catarienses como Lausimar Laus (Tempo Permitido, O guarda-roupa Alemão, Ofélia dos Mavios); Ricardo Hoffmann (A Superfície) e Urda A. Kluger (Verde Vale, As brumas dançam sobre o espelho do rio, No tempo das tangerinas). O que reveste de novidade a narrativa de Boos é a re-apresentação

da colonização que não deu certo. O seu herói não é o imigrante que progrediu em terra estrangeira, é, sim, o herói fracassado; o anti-herói; resgatando um outro viés de enfoque, isto é, a história dos vencidos<sup>3</sup>.

Quadrilátero (1986) apresenta uma inesgotabilidade de leituras em suas 450 páginas. Na escritura de Boos, a presença obsessiva dos odores em dois níveis: o psicológico e o social é uma constante, por isso pretendemos centrar nossa leitura nas impressões olfativas no nível psicológico buscando destacar seu papel como desencadeador de desejos nos relacionamentos de Natália, Matheus e Paula.

## **2. Aromas, odores, perfumes... onde nasce o desejo ou o asco**

O olfato, este órgão de sentido que nos propicia o contato com os odores, tem o forte poder de atrair o agradável ou/e repudiar o desagradável. Socialmente inconcebível a simpatia por odores fétidos (lixo, excrementos e toda uma carga de miasmas); os perfumes, as colônias, materiais de limpeza e todo um arsenal de eflúvios estão a serviço da sociedade moderna na guerra contra o mau cheiro e, por consequência, como auxílio na arte de sedução. Resta-nos a pergunta: este comportamento desodoizado nasceu instintivamente com o homem ou passou por um processo de aculturação?

Segundo Alain Corbin (1987), em Saberes e Odores, o processo de desodorização se propaga com o surgimento do mundo burguês; os odores que até então eram tolerados assumem papéis de vilões – propagadores de doenças e até mesmo mortes. A figura do higienista é promovida ao nível de herói, culminando no que o historiador denomina de “silêncio olfativo”. Para Corbin (1987), a hierarquização sensorial fundamentada sob a égide da herança platônica relegou a segundo plano as sensações do olfato, valorizando as sensações consideradas mais nobres: a visão, a audição e o tato (Cf. CORBIN: 1987, p.30).

---

3. Walter Benjamin, em sua Tese sobre Filosofia da História, opõe-se à historiografia tradicional por ver a História como um continuum homogêneo e vazio, conclamando à reflexão sobre um outro viés de enfoque: a história dos vencidos. Papel que vem sendo assumido pela produção literária contemporânea, ao tentar transformá-la num dos meios de compreensão da história.

Num ritmo mais acelerado, a ode à limpeza se propagou pelo século XIX e chega até nosso século tecnologicamente aromatizado com essências que servem para camuflar os odores que nos rodeiam; mas, quer falando do odor cultural ou do odor natural, as imagens olfativas sempre estiveram presentes na literatura. Em Dom Quixote, o imortalizado personagem Sancho Pança já imaginava o forte cheiro das axilas de Dulcinéia; Baudelaire já evocava poeticamente a eternidade do perfume; e a insistência olfativa na obra de Zola era uma característica marcante<sup>4</sup>.

Em Quadrilátero (1986) as impressões olfativas se tornam signos possíveis de decifração por conterem uma linguagem do desejo. Para Eglê Malheiros, neste romance:

Os ambientes e as paisagens nos chegam através das impressões sensuais dos personagens. De todas as mais fortes são as impressões olfativas. Submergimos num oceano de cheiros, perfumes e fedores, que acabam juntando gente e bicho numa grande unidade animal. (MALHEIROS In BOOS JÚNIOR: 1986, p.5)

Pelo itinerário de eflúvios, que aguça as relações tempestuosas e animalescas de Natália, Matheus e Paula, é que pretendemos “meter o nariz” e aspirar os odores que circulam estas relações.

Matheus, o personagem condutor da trama, trava relações com duas mulheres totalmente diversas; diversidade que pode ser detectada pelas impressões olfativas das duas personagens: Natália é o cheiro natural, em sua miséria o único artifício que tem no auxílio da higiene corporal é o “sabão grosseiro”, que não lhe alivia o próprio cheiro de suor. Paula é o cheiro cultural da desodorização, o cheiro artificial da colônia que seduz. O ambiente romanesco onde as relações serão gestadas coincide com a descrição do processo de desodorização nas moradias feitas por Corbin: “Para o rico, o ar, a luz, o horizonte desimpedido, o retiro do jardim; para o pobre, o espaço fechado, sombrio, os tetos baixos, at-

---

4. BERNARD, Leopoldo. Les odeurs les romans de Zola. In: CORBIN: 1987, p.264. O autor vê a insistência olfativa dos romances de Zola como um procedimento de Escritura Naturalista.

mosfera pesada, a estagnação dos fedores” (CORBIN: 1987, p.191).

O ambiente da casa de Paula tem um “cheiro quase asséptico”, “o cheiro da solidez dos móveis”, cheiro da ordem e da limpeza envolvidos pelo “cheiro da terra gorda”. Neste império desodorizado, Paula convive com o marido Rudolf, uma relação formal e fria:

e beijam-se, num leve roçar dos lábios, sem que os corpos se toquem e que não mistura o aroma do charuto com o perfume da colônia, apenas a aproximação de dois rostos, um pouco mais da ligeira atenção que ele prestaria a uma freguesa, ou a rápida medida que ela faria perante qualquer amigo dele. (BOOS JÚNIOR: 1986, p.200)

No ambiente da casa de Natália, a miséria é transmitida pelo “cheiro das carnes defumadas” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.196); pelos “pelos cheiros dos excrementos e da urina da burra” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.233).

Finalmente atravessando a porta e, na precária claridade, Matheus não sabe se entrou numa cozinha ou num estábulo, conseguindo distinguir as pedras e um fogão sem chapa, uma mesa e dois bancos e, à esquerda, pelas palhas e o odor de excrementos, o lugar reservado à burra (BOOS JUNIOR: 1986, p.196).

No relacionamento de Matheus e Natália, temos como interdito Arnold, enquanto nas relações Matheus e Paula interpõe-se Rudolf. O primeiro, no sonho de prosperar, deixa a mulher solitária; o segundo, ocupado com os negócios, deixa na mulher “uma sensação de abandono” e esta, por capricho, urde uma vingança infantil: a insinuação de um amante através de uma carta anônima. Matheus surge para fragmentar estas relações já estilhaçadas e podemos destacar as impressões olfativas como material corroborador de similitude e de diferença na apresentação de seus rivais.

Com Arnold, as impressões olfativas são signos a uni-los, pois Matheus tem consciência que:



é dono da mesma máscara grotesca, a lama estriada pelo suor igual às cicatrizes de uma doença implacável e - ainda - o mesmo cheiro de podre trazido do brejo, ao dos animais, e que não será desfeito pela água e pelo sabão, porque é o aroma do desânimo e - algumas vezes - do próprio medo (BOOS JÚNIOR: 1986, p.133).

Rudolf e os “perfumes do charuto e da colônia, que pareciam apegados à pele e à roupa com a natureza de uma segunda vestimenta” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.255); contrapondo com o cheiro grosseiro do fumo de corda de Matheus. “espesso, acre, viril em demasia” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.316).

Natália vê em Matheus o reacender de um sonho, principiado pelo prazer ilegítimo da masturbação. O objeto de prazer solitário é a camisa impregnada do suor de Matheus:

E continua comprimindo a camisa, desejando impregná-la com sua seiva e, ao mesmo tempo, saturar-se com o cheiro do homem e, num grito, seu orgasmo é uma derrota dentro da vitória, um sonho dentro de um pesadelo. (BOOS JÚNIOR: 1986, p.241)

Matheus desperta em Natália a “ vaidade” há muito não sentida e “em meio ao cheiro meio azedo das carnes defumadas” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.307) e de “cômodos mal ventilados” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.307) os dois entregam-se “imunes aos odores da miséria e da decadência” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.306), não sentindo a “nauseante gama de odores”, não importando o aspecto físico de “cabelos suados e empoeirados” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.309).

As impressões olfativas que envolvem Matheus e Natália divergem completamente dos odores que envolvem a relação de Matheus e Paula (é necessário alertar que esta somente ocorreu após a morte de Natália). O aroma no jardim pressentido por Matheus no quiosque, quando Paula pronuncia seu nome verdadeiro, confunde-se com o próprio cheiro inebriante da mulher:

Tudo está envolvido por um silêncio interminável, que parece composto pelo pesado aroma da terra e das folhagens, que têm a natureza e sensualidade de uma carne estranha e - ainda – de flores que guardaram seu aroma enjoativo para a imobilidade daquela hora. (BOOS JÚNIOR: 1986, p.278)

Natália é a mulher terna e submissa que acompanha Matheus com o peso do pecado de adultério. Paula domina a relação desde o primeiro instante: “E daquele momento em diante, sem qualquer pergunta, toda a iniciativa coube a ela” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.294). Era Paula “que se oferecia em todas as posições, até aquelas que jamais imaginara, mesmo em sonhos mais secretos e degradantes” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.326). Visto que, Matheus está envolvido pelos “cheiros, a maciez e a inesgotável luxúria da mulher” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.357).

A camisola de Paula, símbolo da intimidade erótica, está extremamente ligada às impressões olfativas e seus artifícios de sedução. Dentro dela, Paula guarda a carta com as notícias de Karlsburg, portanto, o segredo de Matheus. A carta fica “dentro das dobras do tecido e das rendas, adquirindo lentamente o perfume de alfazema (e talvez o aroma de sua própria carne, do suor e do orgasmo, lembrado sem orgulho e sem exaltação)” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.302-3).

Corbin descreve algumas condutas olfativas que aguçam o desejo e, entre elas, está a de cheirar objetos perfumados da pessoa amada por garantir a presença imaginária do amante – o que se caracteriza como fetichismo (Cf. CORBIN: 1987, p.205).

Matheus assim age quando Paula esquece a camisola em seu quarto: O quarto ainda guardava o perfume e a camisola provava a passagem do corpo pela cama [...] e dobrou a camisola num gesto meticuloso, para guardá-la na mochila, sob duas camisas e, só então, deitou-se, aspirando profundamente os aromas que aquela mulher deixara com ele. (BOOS JÚNIOR: 1986, p.378-9)



A mesma camisola vai ser o disparador da morte de Helga, a empregada, que encontra a camisola (dias depois exalando, ainda, o mesmo aroma) entre os guardados na mochila de Matheus: “as fivelas estavam abertas e a conhecida fragrância da colônia subir até ela, sobrepondo-se aos cheiros de Matheus e do seu próprio corpo” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.384). O perfume de Paula, em seu frasco, tem o poder mágico de renovação “cujo nível a empregada nunca percebeu baixar, ficando-lhe a impressão de que, por qualquer espécie de milagre ou magia, líquido e aroma recompõem-se durante as poucas horas de sono de sua proprietária” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.39).

Paula tem consciência do poder de sedução do seu aroma sobre Matheus: “Viu Matheus, com os cabelos em desalinho, lentamente erguer o corpo contra a tibia claridade em busca do seu cheiro, lento, porém decidido feito um cão de caça” (BOOS JÚNIOR: 1986, p.30).

As imagens de caça e caçador interpõem-se várias vezes no discurso: descobrira o corpo nu, usando o tato como um prolongamento da imaginação desenfreada e - ainda - o olfato, seguindo todos os cheiros que ela exalava, assim como um predador seguindo, não a presa fácil e amedrontada, porém um inimigo tão poderoso quanto ele (BOOS JUNIOR: 1986, p.399).

Como uma doença curada, o aroma de Paula perde o seu poder vinte e sete anos depois, quando Matheus está velho e solitário, exercendo a mesma função orientada por ela: cuidar do cemitério. “Sabia que eu vivia, ouviu a voz e sentiu o perfume e, rebelde, não se moveu, como se estivesse curado” (BOOS JUNIOR: 1986, p.60).

Matheus reconhece que o perfume não é mais capaz de reavivá-lo, comprovando que um dia ele se sentiu seduzido “porque agora o perfume é só um cheiro incapaz de trazer de volta a viva carne de outrora e, além dela, a centelha o que o cegava” (BOOS JUNIOR: 1986, p.66).

Matheus, homem de partidas, de mochila sempre pronta, busca compreender as duas mulheres (Natália e Paula) que ocuparam espaços iguais

em sua lembrança e em seus desatinos (morte de Arnold, Rudolf e Helga).

A primeira misturando saudade com remorso, por não ter entendido quando o amor estivera ao seu lado; a segunda, na admissão do fracasso e de ter sido um instrumento na trama inacreditável e que tornara proibida a continuação da caminhada ainda presente em seus sonhos. (BOOS JÚNIOR: 1986, p.419)

Com Natália, o peso da solidão da colônia acendendo “a mesma paixão que pode comandar dois bichos no cio”; com Paula, mero objeto de sua “inacreditável maquinação”.

Os odores destacados nas relações amorosas das personagens Natália, Matheus e Paula, entretecidos com as relações de desejo, não tornam Eros vitorioso; os contatos instintivos e animais das personagens são desprovidos de ternura, transformando a representação amorosa numa paixão doentia, pois estas não possuem tom lírico e poético, são despaixões que propiciam o predomínio de Tanatos (deus da morte e da destruição) sobre Eros (deus do amor e da força vital).

Umberto Eco define o efeito poético “como a capacidade que tem um texto de gerar leituras sempre diversas, sem nunca esgotar-se completamente” (ECO: 1985, p.15). Portanto, a presente leitura vem somar-se a outras possíveis com o intuito de ver as possibilidades do ato efabulador deste “contador de histórias” que é Adolfo Boos Júnior.

## Referências

BENJAMIN, W. Teses sobre a filosofia da História. Organização de Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

BOOS JÚNIOR, A. Quadrilátero. Livro Um: Matheus. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

CORBIN, A. Sabores e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ECO, U. Pós-escrito ao Nome da Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HOHLFELDT, Antônio. A literatura catarinense em busca de identidade II: O romance. Porto Alegre-Florianópolis: FCC, UFSC, Movimento; 1994.

SABINO, L. L. Grupo Sul: Modernismo em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.